

6 - m sain
7 - m sain
8 - m sain

RUBEM BRAGA

ASSIM NÃO VALE

DIGAMOS uma palavra de louvor ao deputado-brigadeiro Haroldo Veloso e demais membros da Comissão Parlamentar de Inquérito que está investigando a venda de terras do Brasil a elementos estrangeiros.

Ficou provado que muitas dessas transações, envolvendo centenas de milhares de hectares, foram ilegais, e podem ser anuladas. Em outros casos o que se recomenda é a desapropriação, que o interesse nacional aconselha, e que não é difícil, em vista do baixo preço a que foram negociadas essas terras. Além de uma legislação preventiva tem o Estado a arma do fisco para tornar menos desejáveis essas «propriedades».

Não é apenas, entretanto, contra o «proprietário» estrangeiro que é preciso agir. Os nacionais (entre eles autoridades de vários escalões e oficiais de reserva, que emprestaram o prestígio de suas patentes a essas tramóias) também não merecem respeito algum. Não será possível realmente travar a batalha da Amazônia antes de extinguir esses grilos monstruosos. Só os posseiros efetivos e antigos merecem respeito, e estes são exatamente os que estão sendo escorraçados pelos especuladores.

Quem fizesse um estudo da origem das propriedades no Brasil desmoralizaria completamente o respeito público pela «sagrada instituição». Admitamos, entretanto, que muita coisa era inevitável antigamente. O que não é possível é entender que ainda hoje a terra seja motivo de transação especulativa desse tipo, quando sua propriedade só se justifica pela função social. Os governos anteriores foram extranhamente indiferentes a esse festival de maroteiras

que há muito o Conselho de Segurança Nacional vem denunciando, graças principalmente ao serviço de informações da FAB. Esperemos que a ação do Governo, depois dessa CPI, seja tão enérgica e hábil que desanime de uma vez os espertalhões que, em New York ou Hong-Kong, brincam de comprar e vender vertiginosos alqueires de mata virgem em um vago país sem governo chamado Brasil.

Vamos, porém, passar a assunto mais amável, e cumprimentar Baden Powel e o Paulo César Pinheiro pelo 1º lugar que «Lapinha» teve na Primeira Bienal do Samba, em São Paulo. Só que eu acho que nesse e em outros festivais deveria, daqui em diante, haver uma cláusula no regulamento, que proibisse ou limitasse fortemente, a exploração de temas folclóricos. Conheço o estribilho de «Lapinha» há mais de 20 anos: é uma das «capoeiras» da Bahia que meu amigo o desenhista Carybé costuma cantar. Ora, o que há de melhor no samba do excelente Baden é exatamente o que não é dele nem de seu parceiro, mas do velho autor baiano, não sei se o próprio Besouro ou algum admirador dele.

Acho normal que os compositores populares bebam no folclore, como fazem os eruditos; mas em um concurso só deveria valer o que fosse criação própria. Já no ano passado o Chico Buarque de Holanda foi passado para trás aqui no Rio por um jovem baiano que explorou com felicidade a margarida de uma velha cantiga internacional!

Assim não vale; pelo menos não devia valer. Estou ao lado do Chico; ele poderia dizer, como Thomás Antônio Gonzaga dizia a Marília Bela, «nem canto letra que não seja minha».

DN- 5.6.68